

Vivências, Diálogos e Interculturalidade - Raízes que Cruzam Fronteiras: Entre Sonhos, Desafios e Descobertas

*Experiences, Dialogues, and Interculturality - Roots
That Cross Borders: Between Dreams, Challenges,
and Discoveries*

*Experiencias, Diálogos e Interculturalidad - Raíces
que Cruzan Fronteras: Entre Sueños, Desafíos y
Descubrimientos*

Luís Gustavo Siqueira da Silva¹

Recebido em: 09 de Dezembro de 2024

Aprovado em: 28 de Abril de 2025

Resumo: O relato explora a experiência transformadora de um intercâmbio acadêmico na Alemanha, conectando raízes familiares e descobertas culturais. Desde a empolgação inicial até desafios como o isolamento em uma acomodação inadequada, Luís Gustavo demonstra resiliência e adaptação. Com amizades multiculturais e momentos marcantes, como aventuras na neve em Munique e lições de empatia em Bolonha, ele expande sua visão de mundo. A narrativa reflete o crescimento pessoal e a promessa de lutar por um mundo mais justo. Palavras-chave: Intercâmbio, Alemanha, Resiliência, Diversidade.

Abstract: The narrative explores a transformative academic exchange experience in Germany, connecting family heritage and cultural discoveries. From initial excitement to challenges like isolation in unsuitable accommodation, Luís Gustavo demonstrates resilience and adaptability. Through multicultural friendships and impactful moments, such as snowy adventures in Munich and lessons in empathy in Bologna, he broadens his worldview. The story reflects personal growth and a commitment to a fairer world.

1. Graduado em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Keywords: Exchange, Germany, Resilience, Diversity.

Resumen: El relato explora una experiencia transformadora de intercambio académico en Alemania, conectando raíces familiares y descubrimientos culturales. Desde la emoción inicial hasta desafíos como el aislamiento en un alojamiento inadecuado, Luís Gustavo demuestra resiliencia y adaptación.

Con amistades multiculturales y momentos impactantes, como aventuras en la nieve en Múnich y lecciones de empatía en Bolonia, amplía su visión del mundo. La narrativa refleja el crecimiento personal y la promesa de luchar por un mundo más justo.

Palabras clave: Intercambio, Alemania, Resiliencia, Diversidad.

Introdução

Me lembro de, aos 14 anos, estar empolgado em aprender alemão pela primeira vez, após meu pai me contar a história do meu bisavô, um jovem alemão que fugiu da Segunda Guerra Mundial rumo ao Brasil, buscando construir uma vida nova longe de todo o caos que se instaurava na Europa naquela época. Anos depois, lá estava eu, assistindo a aulas online para aprender um idioma que um dia já foi o idioma de toda a minha família e que agora servia como motivação para realizar o sonho de visitar a terra dos meus antepassados.

Para a realização desse sonho, que era fazer um intercâmbio acadêmico na Universidade de Eichstätt, na Bavária, contei com a companhia de minha mãe, que, por uma felicidade do destino, foi convidada a realizar parte de sua pesquisa de doutorado em Engenharia de Materiais na Friedrich-Alexander-Universität, em Erlangen, uma cidade a apenas 2 horas de distância de onde eu moraria.

O Olhar: Descobrimo o mundo pelas janelas alemãs

Os primeiros momentos foram mágicos. Lembro-me de chegar com minha mãe a Erlangen, já que passaríamos a primeira semana em um Airbnb na cidade onde ela moraria, para encontrarmos um lugar definitivo para ela. Entusiasmado, liguei para o meu pai, contando todas as novidades e impressões que eu tinha daquele novo lugar. Estava tão feliz que não me lembro de ter experimentado tamanha euforia até aquele momento. Meu primeiro contato com um alemão aconteceu no trem do aeroporto para a cidade, onde um jovem, aparentemente de uns 30 anos, estava voltando para Erlangen, sua residência, após uma viagem a Nuremberg, a maior cidade daquela região. Como minha emoção era grande, lembro-me de usar um inglês meio “meia boca” para me comunicar com o rapaz, que, para minha felicidade, entendeu tudo. Não me lembro do seu

nome, mas me lembro que ele me recebeu muito bem, desejando boas-vindas e comentando que o serviço de trem alemão era muito famoso, mas sua pontualidade não correspondia à sua fama, algo que, nos próximos meses, se tornaria muito claro para mim.

Minha mãe e eu fomos muito bem recebidos na casa de Alexandra, a anfitriã do nosso Airbnb. Alexandra era uma jovem mãe solteira que alugava um quarto de sua casa para pessoas do mundo inteiro que estivessem indo a Erlangen para trabalhar na Siemens, a principal empresa da cidade, ou estudar na FAU.

A primeira semana foi incrível. A cada instante, a cada novo lugar, a cada nova pessoa, era uma nova experiência, e a euforia tomava conta em cada um desses momentos. As principais surpresas vinham dos avanços tecnológicos, principalmente do transporte público e dos mercados alemães, que nada se assemelhavam aos mercados e transportes públicos que eu havia visto no Brasil. Diverti-me junto com minha mãe comentando e identificando as novas variedades que encontrávamos no mercado. Novos sabores de energéticos e refrigerantes que nunca tínhamos ouvido falar, bolachas, bolos, e todo tipo de alimento possuíam novos sabores e marcas que até então eu desconhecia.

Quanto às pessoas, fiquei surpreso com a diversidade étnica que encontrei na Alemanha. Nas ruas, observei vários indianos, turcos, sírios, africanos, todos vivendo em uma mesma cidade, lado a lado com os alemães. Especificamente sobre o povo alemão, desde o início, notei que eram mais reservados que nós, brasileiros, algo que já havia ouvido falar, mas o que eu não imaginava era que eu fosse gostar desse jeito “alemão” de ser.

Depois de uma primeira semana maravilhosa ao lado de minha mãe, finalmente parti sozinho rumo a Eichstätt, onde uma recepção do escritório internacional da universidade esperava por todos os novos estudantes internacionais. O dia estava lindo, eu havia entendido e me adaptado muito bem ao aplicativo de trem que informava o itinerário da viagem que eu deveria tomar da cidade onde minha mãe estava morando até a cidade onde eu moraria. Chegando à cidade, o primeiro contato que tive com outros estudantes internacionais foi com uma americana e uma outra brasileira, que já esperavam por mim. Eu, ela, uma estudante de Direito da PUC São Paulo, e um estudante também de Relações Internacionais da PUC Minas de Poços de Caldas já conversávamos meses antes de chegar ao nosso destino. Isabel, a americana, estava tão animada e entu-

siasmada quanto o resto de nós. Logo de cara, já compartilhamos todas as informações e conhecimentos que havíamos descoberto, pesquisando nos últimos meses até aquele momento sobre a cidade onde moraríamos. Os dois estudantes do escritório internacional que nos receberam foram muito receptivos. Eles receberam estudantes brasileiros, assim como eu, uma americana, vários italianos, outros da Rússia, outros do Azerbaijão, entre outros países, que também passariam a conviver naquela cidade nos próximos meses.

Eu estava animado e pensava que nada de errado ou ruim pudesse acontecer, mas estava enganado. Logo no primeiro momento, quando todos foram informados do alojamento em que ficariam, recebi a notícia de que era um dos poucos estudantes que não ficaria no mesmo alojamento que os demais. De início, não me preocupei, aguardando que os dois estudantes responsáveis pela nossa recepção apresentassem o novo alojamento para os estudantes que ficariam perto da estação, para que eu fosse encaminhado para a minha nova acomodação.

Figura 1: Acomodação estudantil durante o intercâmbio na Alemanha



Fonte: Arquivo pessoal.

Quando um dos estudantes da faculdade me levou de carro até onde eu me alojaria, a preocupação começou a surgir. O local onde a faculdade me alocou era extremamente longe da universidade, do centro da cidade, e da estação de trem. O acesso era muito difícil, o prédio ficava no alto de uma montanha, e o que eu não

poderia imaginar era que o transporte público só atendia aquela localidade até as 18h, e que, após isso, todas as pessoas que precisassem chegar lá deveriam caminhar por mais de uma hora em meio a uma floresta escura no alto da montanha. Nos primeiros minutos, já solicitei que a estudante ligasse para a coordenadora do escritório internacional da faculdade e perguntasse sobre a possibilidade de me alojar junto aos meus outros colegas brasileiros, perto da estação. O pedido foi negado. Passei a primeira semana tentando aceitar a ideia de morar naquele lugar afastado e de difícil acesso, pensando que seria apenas um imprevisto inicial e que eu me adaptaria a essa nova condição. Até que as coisas começaram a piorar. As outras pessoas que moravam naquele alojamento eram imigrantes provenientes de países africanos e árabes que haviam sido concentrados lá justamente para se afastarem da cidade e servirem de mão-de-obra para os serviços que a cidade demandava no setor de construção, algo que considerei muito cruel e injusto com aquelas pessoas. Havia muitos trabalhadores simpáticos. Lembro-me de um egípcio que me recebeu muito bem, comentando sobre o seu apreço pelo Brasil, dizendo que amava os brasileiros por serem um povo alegre e bom de futebol. Também me lembro de um outro rapaz proveniente de algum país africano, que tinha muita dificuldade de se comunicar em inglês comigo, mas mesmo assim tentava, sempre estampando um sorriso no rosto. Naquele lugar, eu dividia a cozinha com todos os que moravam no prédio, e logo nos primeiros dias, a comida que eu havia comprado e guardado na geladeira começou a desaparecer. Tentei relevar a situação, mas, todas as vezes que eu retornava para casa tarde da noite e passava por aquela floresta escura, eu me desanimava cada vez mais. Comecei a recusar convites para confraternizações, pois eu não estava disposto a retornar tão tarde com a insegurança de encontrar algum animal ou até mesmo alguma pessoa naquele ambiente escuro que eu percorria até chegar ao meu quarto. Além disso, eu sempre chegava extremamente cansado. Durante esse período, procurei várias vezes a coordenadora do escritório internacional para que ela pudesse me ajudar. O que piorou muito a situação foi que, cansada dos meus pedidos e não entendendo a gravidade da situação, a coordenadora começou a responder meus e-mails de maneira extremamente rude, alegando que nada faria para me ajudar e que eu deveria arcar com as consequências de ter confiado na universidade para me alocar na acomodação que eles bem entendessem.

Toda a euforia e animação da primeira semana haviam acabado. Todos os dias que saía de casa, voltava pensando o quão difícil seria o meu retorno, e uma experiência que deveria ser incrível começava a se tornar um pesadelo. Voltei à cidade onde minha mãe estava e contei a ela a situação, pedindo para que ela fosse até onde eu estava morando para que ela mesma pudesse ver o local e me ajudar a pensar em alguma solução. Hoje acho engraçado, mas lembro do desespero da minha mãe ao se deparar com o caminho que ela deveria percorrer junto a mim para chegar até onde eu morava após as 18h. Dormimos a primeira noite decididos a ir até o escritório internacional no dia seguinte exigir a minha mudança. Quando cheguei ao escritório internacional, fui muito mal recebido pela coordenadora. Tivemos uma discussão onde eu argumentei que aquela não deveria ser uma acomodação para um estudante estrangeiro, já que eu estava afastado de toda a experiência que a cidade poderia me oferecer, juntamente com a universidade, por estar em um local afastado de tudo! Após muito argumentar e dizer que entraria em contato com a minha universidade de origem para que resolvessem aquela situação, finalmente consegui ajuda. A responsável concordou em me ajudar a resolver as questões para minha mudança.

Passado esse momento de estresse, uma ucraniana que eu havia encontrado em um dos encontros dos estudantes internacionais também estava buscando uma acomodação, e entramos juntos na nova república para onde eu fui direcionado. O ambiente era muito mais agradável e tinha um estilo jovem, com vários estudantes da própria cidade e outros estrangeiros que estavam ali para realizar o sonho do intercâmbio. As amizades que conquistei no novo alojamento foram incríveis, amizades que levo até hoje! A ucraniana que entrou comigo no alojamento foi uma grande amiga durante todo o tempo que eu estive ali, e ainda tenho contato com ela até hoje. Quando ela soube da situação que eu havia enfrentado na minha primeira experiência de acomodação, ela não conseguiu parar de rir, dizendo que foi uma sorte eu ter conseguido sair de lá para ficar com eles, pois, sem dúvida, o período em que moramos juntos na república foi um dos melhores, e eu não conseguiria encontrar nada igual àquela experiência.

Depois de algumas semanas, consegui, finalmente, me readaptar e voltar a ser feliz com a ideia de estar ali, em um dos lugares que mais sonhei em estar realizando um dos maiores sonhos que eu tinha até aquele momento.

O Ouvir: Ecos de histórias em terras estrangeiras

Durante o restante do meu tempo na Alemanha, vivi experiências e conheci lugares e pessoas que transformaram profundamente minha visão de mundo. Meu melhor amigo tornou-se um italiano, o Micci, que me acompanhava em praticamente todas as viagens que fazia.

Uma das aventuras mais marcantes que vivemos juntos foi durante uma grande nevasca em Munique, considerada a tempestade mais forte dos últimos 40 anos. A cidade estava paralisada, com todo o transporte público bloqueado, o que nos impediu de nos locomover ou sequer voltar para casa.

Figura 2: O rigoroso inverno europeu – Munique, Dez/23



Fonte: Arquivo pessoal.

O motivo de nossa ida a Munique foi visitar uma brasileira que conheci dias antes em um mercado em Eichstätt. Ela contou que sua família morava há muitos anos em uma cidade próxima e nos convidou a conhecer Munique, onde fazia faculdade.

Naquela noite, eu, Micci, ela e suas amigas fomos a uma balada e nos divertimos muito. Quando saímos, a cidade estava coberta por neve, e a tempestade havia piorado. Andamos por horas na neve, e, apesar da situação desafiadora, estávamos eufóricos, rindo e encarando tudo com leveza e otimismo.

Após acompanharmos a brasileira até sua casa, eu e Micci decidimos procurar um hotel ou hostel para passar a noite. Tentamos pedir um táxi, mas o motorista apenas riu, mostrando seu carro completamente coberto de neve até o teto. O frio era tão intenso que começamos a correr pelas ruas para nos aquecer enquanto procurávamos o hostel que havíamos encontrado no Google.

Finalmente, após uma longa caminhada, chegamos ao local, fizemos o check-in e, aliviados, conseguimos nos abrigar. Missão cumprida!

Essa experiência — assim como tantas outras nos hostels em que fiquei durante minha jornada — me ensinou muito. Foi uma lição sobre resiliência, adaptação e a importância de enfrentar desafios com uma boa dose de humor e otimismo.

Na Alemanha, sempre percebi que os hostels abrigavam muitos imigrantes vindos de países como Sérvia, Rússia e Ucrânia. Eles estavam ali em busca de moradia barata e oportunidades de trabalho. Cada pessoa tinha muitas histórias para compartilhar. Os ucranianos me contaram sobre a vida antes da guerra; os sérvios, sobre a situação política do seu país; e os russos, sobre como o poder econômico na Rússia era inferior ao restante da Europa.

Em uma de minhas viagens, decidi ir sozinho para Viena. Por sorte, encontrei José, um jovem viajante espanhol que, assim como eu, resolveu explorar a cidade em busca de novas experiências. Nos demos muito bem logo de início. Eu havia terminado um relacionamento no Brasil e José, um namoro de muitos anos na Espanha. Diante dessa situação, decidimos aproveitar a noite vienense.

No primeiro bar, após o primeiro drink, José já me dava conselhos sobre a vida, enquanto eu choramingava sobre meu antigo relacionamento. Dois jovens, que haviam acabado de se conhecer, falando idiomas diferentes, mas se entendendo perfeitamente. Guardo com carinho esse encontro. Visitamos vários lugares e ter-

minamos a noite em um bar mágico, diferente de tudo que já vi. O ambiente lembrava um cenário de filme: garçons de terno, drinks lindos, um piano ao fundo e, na janela, a deslumbrante vista de Viena.

Lá conhecemos duas moças — uma austríaca e outra palestina — que passaram a noite conversando conosco e ouvindo nossas lamentações. No dia seguinte, despedi-me de José. Ele continuou sua viagem, e nunca mais nos vimos. Ainda assim, mantemos a promessa de nos visitarmos: eu na Espanha e ele no Brasil.

Assim como em Viena, outra viagem que me marcou profundamente foi a ida ao Castelo de Neuschwanstein, localizado no sul da Alemanha, próximo à fronteira com a Áustria. Essa viagem, em especial, teve um significado muito importante para mim, pois aconteceu no final do ano, perto do Natal, e coincidiu com a chegada do meu pai e do meu irmão à Alemanha para nos visitar, a mim e minha mãe. Foi uma viagem feita em família, o que a tornou ainda mais especial.

O Schloss Neuschwanstein foi, sem dúvida alguma, um dos lugares mais mágicos que visitei em toda a Alemanha. Uma verdadeira obra de conto de fadas, com suas torres elegantes que pareciam tocar o céu. Inspirado pelas óperas do renomado compositor alemão do século XIX, Richard Wagner, o castelo exala uma aura de fantasia e romantismo em cada detalhe (Krüger, 2016; Wagner, 2012). Caminhar por suas salas ornamentadas e admirar a vista espetacular dos Alpes me transportou para um mundo mágico, onde o real e o imaginário se misturam de forma sublime (Bavaria Tourism, 2021).

Naquele dia, a neve caía intensamente, cobrindo as montanhas ao redor com um manto branco imaculado. O castelo parecia ainda mais encantador, como se tivesse saído diretamente de uma história mágica. A paisagem ao redor era de tirar o fôlego, com a neve cobrindo os pinheiros e as trilhas (Deutschland, 2024). Uma das coisas que mais me chamou a atenção foram os passeios de charrete puxados por enormes cavalos, que levavam os visitantes até a entrada do castelo. Os cavalos, adornados com sinos e mantas quentes, adicionavam um charme rústico ao passeio e eram, sem dúvida, os mais bonitos que já vi na vida. Descobri que as charretes contavam com o auxílio de motores elétricos para preservar a saúde dos animais, algo que achei admirável (Becker; Meier, 2019; Tourism Bavaria, 2024).

Esse dia está guardado em meu coração com muito carinho, pois vivi tudo isso ao lado das pessoas mais importantes da minha vida: minha família. Lembro-me de revezar meu olhar entre a grandiosidade daquele lugar e a felicidade estampada nos rostos do meu pai, da minha mãe e do meu irmão. Eles estavam felizes por estarem juntos, visitando a mim e minha mãe, e por perceberem que estávamos realizando um sonho pelo qual tanto lutamos. Estar ali, admirando aquele lugar mágico, foi a cereja do bolo de toda a nossa jornada de esforço e conquistas.

Também nesse dia, experimentamos pela primeira vez o Eisbein, algo que meu pai desejava muito. Desde antes de sua chegada à Alemanha, já estávamos ansiosos para provar o prato. No restaurante onde comemos, próximo ao castelo, o Eisbein era uma verdadeira obra-prima. Ele foi servido com a pele crocante e dourada, que derretia na boca, enquanto o sabor intenso e os temperos ricos, com um toque defumado característico, tornavam a experiência inesquecível. Acompanhado por guarnições tradicionais, como chucrute levemente ácido e purê de batatas cremoso, o prato ganhou ainda mais destaque quando harmonizado com uma caneca de cerveja artesanal bávara. Foi uma refeição perfeita para coroar um dia que ficará para sempre em nossas memórias (Mitchell, 2015; Müller, 2020).

Figura 3: Prato típico alemão: Eisbein (joelho de porco)



Fonte: Arquivo pessoal.

O Conviver: Laços tecidos

Outra experiência marcante foi a convivência com os três brasileiros que estavam comigo: Felipe, Vitória e Laura. Felipe se envolveu com uma italiana da cidade, o que o afastou um pouco de nós. Isso me aproximou ainda mais de Laura e Vitória. Descobri que, mesmo longe de casa, a origem brasileira nos unia.

Com Vitória, compartilhei incontáveis momentos, desde conversas sobre o dia até reflexões sobre a experiência maravilhosa que vivíamos. Laura, por sua vez, foi uma presença especial. Ela morava na cidade vizinha, onde também havia um campus universitário. Como eu era o único estudante de Eichstätt que precisava estudar lá, Laura fez companhia em almoços que, sem ela, seriam solitários. Nos dias frios, ela me recebia em sua casa para que eu pudesse esperar pelo meu próximo horário de aula. Guardo com carinho essas amizades.

Em mais uma viagem, dessa vez para Berlim, eu, Felipe e Micci decidimos nos aventurar, saindo do sul da Alemanha, onde estávamos, até o norte do país. A jornada, devido aos atrasos e imprevistos da companhia de trem, levou 11 horas. Apesar disso, estávamos tão animados e felizes por ter pago pouco pelo percurso que não nos importamos.

Pagamos um preço reduzido graças ao *Deutschland-Ticket*, um passe de transporte público válido em toda a Alemanha, que oferece acesso ilimitado a trens regionais, trens urbanos (S-Bahn), metrô, ônibus e trams. Trata-se de uma iniciativa do governo para oferecer transporte público acessível e sustentável. Como estudantes, pagávamos cerca de 30 euros pelo “D-ticket”.

Figura 4: Portão de Brandemburgo - Berlim



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao chegarmos em Berlim, o cansaço da viagem era evidente. Micci preferiu descansar no hostel, mas eu e Felipe, enfrentando o frio e a chuva que começava, decidimos explorar uma das boates de música eletrônica mais famosas do mundo, a *Club OST*. Durante o trajeto, percebemos como as ruas de Berlim eram escuras, o que, para nós brasileiros, trazia uma sensação de insegurança que parecia não preocupar os alemães.

No transporte público, entendemos o motivo de frases como “Berlim é a capital da Alemanha, mas não é a Alemanha” ou “Berlim é o lugar onde os alemães são quem de verdade querem ser”. Durante o caminho, vimos diversas pichações, grafites, expressões artísticas, e pessoas com roupas, maquiagens e estilos extremamente variados — algo bem distante do “padrão tradicional alemão” que havíamos presenciado no sul do país.

Na fila da festa, conhecemos Gabriel, um nova-iorquino que vivia há anos em Berlim em busca de inspiração artística para seu trabalho como produtor de filmes. Ele nos contou que Berlim, assim como Nova York, é uma cidade onde as pessoas vêm para viver seus sonhos sem julgamentos, permitindo que sua criatividade floresça.

Dentro da festa, notamos uma diversidade impressionante de estilos. Algumas pessoas pareciam estar no Caribe, com roupas floridas e um ar de verão; outras pareciam rockeiras dos anos 80, vestindo peças de couro preto. No entanto, a maioria apresentava um visual que remetia à União Soviética pré-queda do muro de Berlim. Gabriel explicou que essa estética era reflexo da influência soviética deixada na região.

Essa influência era visível não apenas nas pessoas, mas também nos prédios baixos, uniformes e escuros de certos bairros, e nos bondes com um visual mais antigo, que retratavam a realidade do transporte soviético daquela época. Essa Berlim contrastava completamente com a Baviera, onde eu morava, uma região tradicional e conservadora, marcada pela influência capitalista durante a Guerra Fria.

Durante meu tempo na Alemanha, ouvi diversas vezes dos próprios alemães que ainda consideravam existir dois países em um. Muitos bávaros se consideravam mais “desenvolvidos” do que o restante da Alemanha, frequentemente mencionando problemas como drogas e insegurança no norte do país.

Perto do final do ano, Micci nos convidou — a mim, Felipe e Laura — para conhecer a cidade onde fazia faculdade na Itália, Modena, próxima a Bolonha. Ele nos chamou para participar do aniversário de sua prima, que morava com ele, e também para assistir a uma apresentação musical sua, já que era cantor.

Fomos recebidos calorosamente pelos amigos de Micci, que já nos esperavam na estação de trem quando chegamos. A festa surpresa para sua prima foi muito especial. Apesar de todos ali serem italianos, fizeram questão de se comunicar em inglês conosco, deixando-nos confortáveis e incluídos.

A apresentação de Micci foi esplêndida. O teatro da cidade, com arquitetura que lembrava os teatros romanos que eu costumava ver em livros de história, tornou o momento ainda mais memorável. Aproveitamos que estávamos na Itália e próximos a Bolonha para visitar essa famosa cidade antes de voltarmos para a Alemanha.

Figura 5: Teatro Comunale di Modena



Fonte: Arquivo pessoal.

Foi em Bolonha que vivi uma das experiências mais emocionantes de todo o meu intercâmbio. Naquele dia, Micci ficou em casa se preparando para sua apresentação, enquanto eu, Laura e Felipe seguimos de trem para explorar a cidade. Ao chegarmos, animados, pedimos informações a uma senhora de idade sobre onde ficava a rodoviária.

Figura 6: Motoneta: meio de transporte muito utilizado na Itália



Fonte: Arquivo pessoal.

A senhora parecia abatida, mas havia algo no seu jeito — quase como o ar acolhedor de uma avó — que nos fez confiar nela. Com dificuldade, explicou em italiano que também era nova na cidade, mas estava indo para o mesmo local e poderia nos acompanhar. Durante o caminho, conversamos e ouvimos sua história, que mudou a vida de nós três.

Ela era refugiada ucraniana. Contou que havia construído toda sua vida em um único lugar na Ucrânia, ao lado de sua família — dois filhos e um marido amoroso. Mas a guerra entre Rússia e Ucrânia a forçou a abandonar tudo. Agora, ela não sabia sequer se seus familiares ainda estavam vivos.

Sua história nos devastou. Quando nos despedimos, demos-lhe um forte abraço, e cada um de nós ficou com o coração partido.

A partir daquele dia, fiz uma promessa a mim mesmo: como internacionalista, farei tudo o que estiver ao meu alcance para que não existam mais guerras e para que ninguém tenha que sofrer como aquela senhora sofreu.

Durante o intercâmbio, também vivi um breve relacionamento com uma italiana de origem chinesa. Foi uma experiência sincera, mas desafiadora. Notei como os europeus, apesar da liberdade financeira, são mais reservados e sofrem com maiores pressões sociais. Percebi que, enquanto muitos brasileiros são julgados pelo que têm, os europeus são julgados pelo que aparentam ser. Esse relacionamento me mostrou que, por mais que as diferenças culturais existam, o amor é universal.

Momentos e reflexões finais

Na universidade, foi magnífico sonhar e conviver com pessoas de tantos países, todas em busca de aprendizado para serem melhores profissionais. Isso me fez entender que o mundo é maior e mais diverso do que eu imaginava. Apesar da barreira da língua, as aulas de sustentabilidade me ensinaram lições que aplico até hoje em minha carreira no agronegócio sustentável.

Figura 7: Souvenirs da Universidade Católica de Eichstatt Eichstätt-Ingolstadt



Fonte: Arquivo pessoal.

Durante minha trajetória acadêmica, duas professoras deixaram uma marca profunda em minha vida, e até hoje lembro delas com carinho e gratidão. A primeira era britânica, uma mulher de fala suave e postura sempre acolhedora, que ensinava com uma dedicação que transcendia as paredes da sala de aula. A outra, americana, trazia uma energia vibrante, cheia de entusiasmo, e fazia questão de transformar cada aula em um ambiente seguro e encorajador para o aprendizado. Ambas eram professoras de inglês acadêmico e tinham em comum a habilidade extraordinária de enxergar seus alunos como pessoas inteiras,

com desafios, sonhos e histórias, e não apenas como números em uma lista de presença.

Sob a orientação dessas duas mulheres, aprendi mais do que gramática ou vocabulário. Elas me ensinaram a pensar em inglês, a estruturar ideias complexas e, acima de tudo, a confiar na minha capacidade de me expressar. Cada correção era feita com cuidado, cada palavra de encorajamento parecia planejada para me motivar a seguir em frente. Nunca me senti tão acolhido como aluno. A forma como ambas demonstravam genuína preocupação com o bem-estar de seus estudantes era inspiradora. Mesmo fora das aulas, estavam sempre dispostas a escutar e a oferecer apoio, seja na compreensão de um texto desafiador ou em conversas sobre as dificuldades da vida de um estudante estrangeiro.

Despedir-me delas foi um momento carregado de emoção. A sensação de gratidão misturava-se ao peso da despedida, porque sabia que estava me despedindo de muito mais do que professoras; estava dizendo adeus a duas mentoras que haviam moldado minha jornada acadêmica e me proporcionado ferramentas para enfrentar os desafios futuros com confiança.

Por outro lado, nem todas as experiências foram tão positivas. Em contraste, tive aulas com uma professora alemã que, infelizmente, deixou uma impressão bem diferente. Apesar de ter domínio técnico e profundo conhecimento sobre o idioma, faltava-lhe sensibilidade no trato com os alunos. O ambiente de suas aulas era tenso e, muitas vezes, desestimulante. Ela parecia usar as perguntas como armadilhas para expor aqueles que ainda não dominavam bem o idioma, criando uma atmosfera de medo e insegurança.

Lembro-me de colegas que vieram de países como Turquia, Índia e Paquistão, cheios de esperança de melhorar suas habilidades linguísticas, mas que, diante do clima opressor da sala de aula, decidiram desistir. Para muitos, a pressão psicológica era grande demais para ser suportada, e a falta de empatia da professora acabava minando a motivação. Eu mesmo enfrentei um momento de reflexão profunda. Depois de muito pensar, percebi que insistir em suas aulas não valeria a pena para mim. O aprendizado, afinal, deveria ser algo estimulante e transformador, não uma fonte constante de estresse.

Com isso, tomei a decisão de me afastar de suas aulas e redirecionar meu foco para outras disciplinas, onde o ambiente era mais propício para meu desenvolvimento. Essa escolha foi libertadora e

me ensinou uma lição valiosa: o aprendizado não é apenas sobre conteúdo, mas também sobre as condições em que ele ocorre.

Essas experiências opostas ajudaram a moldar minha percepção sobre o papel dos professores na vida de seus alunos. Se por um lado as duas professoras de inglês acadêmico me ensinaram a importância de acolher e incentivar, por outro, a professora alemã reforçou o valor da empatia como uma habilidade essencial para educadores. Cada uma, à sua maneira, contribuiu para minha jornada e para o meu entendimento sobre o impacto que um professor pode ter na vida de quem está disposto a aprender.

Essa experiência na Alemanha foi o melhor momento da minha vida. Aprendi que sonhos, por mais distantes que pareçam, podem se realizar com esforço. Conhecer a Alemanha era um sonho, e estar lá me mostrou que nada é impossível. Essa lição ficará comigo para sempre, assim como a de que o mais valioso nos lugares que visitamos são as pessoas que encontramos por lá.

Em todos os cantos do mundo, sempre haverá pessoas boas e ruins, pobreza e riqueza, felicidade e tristeza, além de todas as outras dualidades que permeiam a vida humana. No entanto, saber colecionar os melhores relacionamentos e os sentimentos que as pessoas expressam quando as encontramos é, de fato, descobrir o verdadeiro ouro dessa jornada.

Referências Bibliográficas

BAVARIA TOURISM. **Descubra Neuschwanstein**: guia oficial para visitantes. Munique, 2021. Disponível em: <https://www.bavariatourism.com/neuschwanstein>. Acesso em: 19 nov. 2024.

BECKER, Laura; MEIER, Tobias. **Sustentabilidade no turismo**: a implementação de transportes ecológicos no Castelo de Neuschwanstein. *Journal of Sustainable Tourism*, v. 27, n. 4, p. 389-402, 2019. Disponível em: <https://www.journalofsustainabletourism.com/neuschwanstein>. Acesso em: 19 nov. 2024.

DEUTSCHLAND, Visit. **Castelo de Neuschwanstein**: história, turismo e dicas práticas. Disponível em: <https://www.germany.travel/neuschwanstein>. Acesso em: 19 nov. 2024.

KRÜGER, Martin. **A arquitetura do conto de fadas**: o papel de Richard Wagner na concepção de Neuschwanstein. *Architectural Heritage Journal*, v. 35, n. 2, p. 145-162, 2016. Disponível em: <https://www.architecturalheritagejournal.com/wagner>. Acesso em: 19 nov. 2024.

MITCHELL, Otis. **Castelos da Baviera**: história e arquitetura. Munique: Bavarian Heritage Press, 2015.

MÜLLER, Hans. **Gastronomia alemã**: tradições bávaras no prato. 3. ed. Berlim: Gourmet Alemanha, 2020.

TOURISM BAVARIA. **A tradição bávara**: charretes, cavalos e sustentabilidade. Disponível em: <https://www.tourism-bavaria.de/charretes>. Acesso em: 19 nov. 2024.

WAGNER, Richard. **Obras completas de Richard Wagner**: leitmotifs e simbolismo. Trad. João Silva. São Paulo: Editora Harmonia, 2012.